

RELAÇÕES ENTRE A VIOLÊNCIA E OS SABERES DA ESCOLA

MICHELE GIEHL DE OLIVEIRA¹; MÁRCIA SOUZA DA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – miigiehl@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mszfonseca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A situação da educação e do ensino na escola básica tem sido constantemente, objeto de debates e discussões nas salas de aula, instituições de ensino, secretarias de educação, cursos de formação de professores, e propalada pela mídia em todo o Estado brasileiro, principalmente quando o foco é a escola pública.

Como parte deste debate, se insere a polêmica temática da violência, que afeta o cotidiano escolar e vem sendo abordada insistentemente, através de pesquisas, por educadores, sociólogos, psicólogos e outros que buscam compreendê-la a partir de diferentes aportes teóricos, buscando respostas seja na esfera restrita à escola, seja no âmbito do indivíduo ou ampliando a questões sociais mais gerais.

Ocorrências de agressões, atos homofóbicos e de racismo, *bullying* entre outros, são cada vez mais constantes dentro de instituições que deveriam, tradicionalmente, ser um local de atividade intelectual, de ensinar e aprender, de socialização de crianças, jovens e adultos.

Depredação do espaço escolar e acerto de contas em seu interior também fazem parte do cotidiano escolar.

O fracasso escolar, principalmente em escolas de bairros populares, é mais uma importante, e talvez, a mais importante forma de violência, que deve ser problematizada para além do espaço familiar ou da origem social, pois se constrói também no dia-a-dia da sala de aula. Charlot (2002) relaciona o fracasso escolar a questões políticas mais amplas,

A resposta é pedagógica, é profissional, mas é também política porque esse aluno que não entendeu vai mergulhar ainda mais no fracasso escolar. Essa questão prática é também uma questão política, pois o que assim é levantado é a questão da realização de uma escola democrática. (p.24)

Muitas formas de violência tomam conta dos espaços escolares e generalizá-las seria desconsiderar importantes enunciados que circulam e constituem estes espaços.

Tais situações geram angústia social, e estudos são feitos para que se torne possível entender, com rigor, para além das relações causa-efeito, as diferentes violências sobre as quais se fala. Para tanto, é importante introduzir certa ordem na categorização dos acontecimentos considerados “violência na escola”.

Charlot (2005) propõe, junto com alguns sociólogos franceses, distinções para categorizar a violência escolar: violência *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola. Segundo o autor,

Violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as atividade da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Violência à escola esta ligada à natureza

e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas). (2005, p. 434).

Em recente trabalho realizado pelo PIBID/UFPel na Escola Estadual Nossa Senhora dos Navegantes, situada em bairro de periferia da cidade de Pelotas/RS, notou-se certa insatisfação de uma turma do 9º ano que, constantemente, queixou-se da situação física da escola. Vidros quebrados, muros pichados, banheiros sem portas, infiltrações nas paredes, lâmpadas queimadas, pátio sem uso, pois parte dele está coberto com mato e a outra parte, fica inundada toda vez que chove.

Além das questões colocadas observou-se, também, que um dos muros da instituição é constantemente quebrado por um morador das redondezas que, segundo relato da direção da escola, utiliza o pátio com o fim de dar espaço a um cavalo de sua propriedade. Isso limita o espaço físico dos alunos, principalmente, sua segurança, derivando a função social da escola.

Tais relatos evidenciam algumas das diferentes formas de violência que ocorrem no espaço escolar, que parecem aumentar apesar de diversos planos e medidas institucionais colocadas em prática há alguns anos.

A presente pesquisa objetiva estudar e discutir as diferentes formas de violência consolidadas nesta instituição e qual sua relação com as representações da comunidade sobre a escola e seus saberes.

O estudo aqui apresentado é um fragmento inicial da pesquisa e tem como foco a violência escolar, ou seja, questões que podem vir a afetar a instituição e o que dela faz parte, seja por uma violência não vinculada as atividades institucionais, se já ligada a natureza da instituição escola. Temos claro que estas caracterizações de violência não são estanques e que questões sociais e políticas mais amplas devem ser consideradas na análise.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, através de trabalhos realizados na escola, foi possível perceber problemas envolvendo a parte física da instituição, constantes depredações efetuadas por estudantes e por moradores da comunidade.

Através de levantamento bibliográfico, foram consideradas e estudadas produções – livros e artigos – de autoria de Bernard Charlot, que discutem questões sobre a relação e o sentido que alunos estabelecem com a escola e o saber, e temas que abordam as diferentes formas de olhar a violência no espaço escolar.

Posteriormente, utilizaram-se registros fotográficos da instituição, que ajudaram e enriqueceram a análise inicial sobre a temática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Num primeiro momento, optou-se em analisar a violência praticada à instituição de ensino.

Foi possível notar, a partir dos registros fotográficos da parte física da escola, formas de violência por parte da comunidade escolar e de moradores do entorno, atos que nos levam a pensar nas diferentes representações que se tem do espaço escolar na contemporaneidade. Representações que não podem estar restritas a seus efeitos, mas à relação e o sentido que alunos e comunidade estabelecem com a escola e o saber.

Em relação aos estudantes, podem ser respostas a violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam. Se os jovens são os principais autores, mas não os únicos, das violências escolares, eles também são as principais vítimas dessa violência.



Figura 1: Muro e algumas janelas da escola

As imagens representadas por ações internas ou externas à comunidade escolar nos propõem pensar em um distanciamento entre a importância da escola como lugar, tradicionalmente, de atividade intelectual e o vazio no seu dia-a-dia em relação aos saberes do cotidiano. Qual o sentido e o prazer de se estar nesta escola? Como fica a atividade intelectual quando circunscrita somente aos “muros” desta escola?

4. CONCLUSÕES

De forma preliminar, visto que essa pesquisa se encontra em estágio inicial, registramos e analisamos algumas imagens que constituem uma escola da periferia de Pelotas, tendo como foco atos de violência contra o espaço escolar. Poderíamos categorizar, segundo Charlot (2005), por *violência na escola* e *violência à escola*. Porém, nos mostra o próprio autor que estas caracterizações de violência não são estanques e que questões sociais e políticas mais amplas devem ser consideradas na análise.

Fundamental considerar as representações que estudantes e comunidade têm da escola e de seus saberes, pois não é só a lógica da instituição que não está clara, é a do próprio saber, do ensinar e do aprender.

É bem raro encontrar violência entre os que acham sentido e prazer na escola. Charlot afirma que “nascer é ingressar em um mundo do qual estar-se-á submetido à obrigação de aprender (...) o sujeito só pode ‘tornar-se’ apropriando-se do mundo”. (2000, p. 59). São muitas, porém, as maneiras de se inserir no mundo,

pois existem muitas coisas para aprender. Mas a atividade intelectual deve ser função da escola.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, B. **Relação com o Saber, formação dos professores e globalização:** questões para educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, B. **Da Relação com o Saber.** Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Perspectiva.** Editora da UFSC: Florianópolis, v.20, nº. Especial, p. 17-34, jul./dez.2002.